

A RELIGIOSIDADE POPULAR NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA

Víctor Codina S.J.

I. UMA HIPÓTESE DE TRABALHO

Uma primeira impressão frente ao texto e à prática dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio (EE) nos levaria à conclusão de que os EE se dirigem prioritariamente aos setores não populares da sociedade e da Igreja, e que tanto seu conteúdo como sua estrutura respondem a uma espiritualidade culta e quase elitista.

Esta impressão se poderia corroborar com a anotação 18 (EE 18), onde se fala de adaptações dos EE para pessoas rudes e sem letras, o que pressuporia que os EE requerem pessoas com instrução e letras. As mesmas 'Regras para sentir com a Igreja' (EE 352-370), ainda que evidentemente tratem de temas de religiosidade popular (RP), têm antes uma orientação apologética antierasmiana e antiprotestante, do que diretamente popular¹.

Contudo, cabe perguntar se estes dados, por mais certos que possam ser, esgotam o tema da relação entre os EE e "o popular", e mais concretamente entre EE e RP.

O fato de que Inácio, ao redigir o núcleo básico dos EE, fosse um simples leigo, sem especial preparação cultural ou teológica, já nos pode indicar que o pano de fundo religioso dos EE não pode ser muito diverso do popular.

A afirmação de Jerônimo Nadal de que Inácio era "populariter christianus", um "cristão popular", nos oferece pistas para nosso tema².

A *Autobiografia* refere traços abundantes da RP de Inácio: a con-

¹ Remetemos aos estudos recentes de: M. de FRANÇA MIRANDA, "Sentir com a Igreja", *Persp. Teol.* 18 (1986) 315-342; F. SEGURA, "Las reglas ignacianas para sentir con la Iglesia", *Manresa* 58 (1986) 199-208; e à obra conjunta *Sentire cum Ecclesia*, CIS, Roma 1986, onde se encontrará ulterior bibliografia.

² "Nadal define a trajetória religiosa de Inácio com uma expressão bem moderna: 'populariter christianus'. Hoje, após embates puritanos e de gabinete contra a religiosidade popular, começamos a descobrir valores ocultos sob a ramagem, sentido profundo debaixo da exterioridade". J. I. TELLECHEA, *Ignacio de Loyola, sólo y a pie*, Madrid 1986, p. 90.

fissão a seu companheiro de armas da batalha de Pamplona, sua devoção simples a São Pedro e sobretudo a Nossa Senhora, que o levará a gastar parte do dinheiro cobrado do Duque de Nájera para restaurar uma imagem de Maria "que estava mal concertada", o desejo de imitar as proezas de santidade de Francisco e Domingos, a peregrinação a Jerusalém como objetivo primário da sua nova vida, a vigília em Aránzazu e a vigília de armas em Montserrat, sua veste de peregrino com o bordão e a cabaça, sua devoção à Terra Santa e seus desejos de ver as pegadas da Ascensão no Monte das Oliveiras, seu propósito de permanecer para sempre nos Santos Lugares... Todos estes traços e outros que se poderiam acrescentar, são sinais inequívocos da RP da época, que, como perceberam os historiadores inicianos, têm conotações franciscanas³.

Por outro lado, a mesma prática de Inácio de dar os EE a pessoas simples, sobretudo em Alcalá e Salamanca⁴, não indica que existe uma certa conaturalidade entre o estilo dos EE e a RP?

Entendemos por RP a religião do povo, sobretudo do povo pobre e simples, tal como a Igreja universal a entende nos seus documentos recentes (*Evangelii Nuntiandi* 48; *Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação* 98) e como a igreja latino-americana a plasmou em Medellín (6, Pastoral popular) e Puebla (444-469)⁵.

Nossa hipótese de trabalho é de que nos EE se deverá refletir, de algum modo, a RP de Inácio e de seu tempo. Para verificá-lo, examinaremos as possíveis conexões entre EE e RP, a partir do mesmo texto autógrafo dos EE⁶.

³ P. de LETURIA, *El Gentilhombre Iñigo López de Loyola*, Barcelona 1949²; H. RAHNER, *Ignacio de Loyola y su histórica formación espiritual*, Santander, 1955; C. de DALMASES, *El Padre Maestro Ignacio de Loyola*, Madrid 1980. J. I. TELLECHEA: "Também data de então o assentamento de indubitáveis veios franciscanos no espírito de Inácio", *o. c.*, p. 55.

⁴ I. IPARRAGUIRRE, *Práctica de los Ejercicios de S. Ignacio de Loyola en vida de su autor*, Vol I, Roma 1943.

⁵ A bibliografia sobre este tema é imensa. Citemos tão somente algumas obras significativas: Equipe SELADOC, *Religiosidad popular*, Salamanca 1976; J.M.R. TILLARD, *Foi populaire, foi savante*, Paris 1976; S. GALILEA, *Catolicismo popular*, Quito 1970; P. SUESS, *Catolicismo popular no Brasil*, São Paulo 1979; D. IRARRÁZAVAL, "Medellín y Puebla: religiosidad popular", *Páginas* 4 (1979) 435-465; V. CODINA, "La religiosidad popular a debate", *Actualidad bibliográfica* nº 28, 1977, 321 - 332; "Religiosidade popular", *Concilium* nº 206, 1986; L. MALDONADO, *Introducción a la religiosidad popular*, Santander 1985.

⁶ Este trabalho complementa meus estudos anteriores: "Claves para una hermenéutica de los Ejercicios", *Manresa* 48 (1976) 51-72; 141-150; "Estrutura iniciática de los Ejercicios", *Manresa* 49 (1977) 291-307. Isto nos permite pressupor alguns temas já tratados ali (por exemplo, a chave medieval e pré-tridentina de Inácio, as dimensões simbólicas da iniciação, etc.).

II. ELEMENTOS DE RELIGIOSIDADE POPULAR PRESENTES NOS EXERCÍCIOS

Podemos agrupar os elementos da RP presentes nos EE em três grandes capítulos: 1. Elementos doutrinários; 2. Elementos metodológicos; 3. Elementos ambientais.

1. Elementos doutrinários

A teologia subjacente às exposições doutrinárias dos EE é prevalentemente popular. Corresponde à fé do povo simples, sem sutilezas de erudição e sem formação teológica acadêmica. Reflete simplesmente a piedade popular de Inácio.

1.1. A *Cristologia* dos EE é, segundo Hugo Rahner, escotista⁷. No entanto, sem negar esta tese, mas radicalizando-a ainda mais, podemos afirmar que a *Cristologia* básica e fundamental dos EE é a tipicamente franciscana, profundamente arraigada no povo e concretamente no ambiente religioso de Guipúscoa e Castela que Inácio viveu na sua família juventude e mocidade. É o que aparece sobretudo na meditação do nascimento:

‘O primeiro preâmbulo é a história: será aqui contemplar como saíram de Nazaré Nossa Senhora, grávida de quase nove meses, montada numa jumenta, como se pode piamente meditar, e José e e uma criada, levando um boi, para irem a Belém pagar o tributo imposto por César a todas aquelas terras’ (EE 111; veja-se também EE 114).

Pode-se dizer que todos os mistérios da vida de Cristo estão profundamente marcados por um aproximar-se à humanidade de Jesus, ao Jesus da história, ao Jesus histórico, na formulação moderna. Esta redescoberta da humanidade de Jesus é típica da religiosidade medieval, como reação a certa *Cristologia* oficial, um tanto hierática e desencarnada, ortodoxa, mas distante do povo⁸. Este franciscanismo popular foi o que impulsionou Inácio a imitar a São Francisco, a visitar a Terra Santa e a querer ficar por lá.

A humanidade de Jesus nunca é vista a partir de uma mentalidade racionalista ou moderna. Está sempre unida à divindade, ainda que esta

⁷ H. RAHNER, “Die Christologie der Exerzitien”, em: *Ignatius von Loyola als Mensch und Theologe*, Freiburg 1964, 251-311.

⁸ J. LECLERQ – F. VANDENBROUCKE – L. BOYER, *La Spiritualité du Moyen Âge*, Paris 1961, 345-381; L. BOFF, *São Francisco de Assis: ternura e vigor*, Petrópolis, 1981.

se esconda na paixão (EE 96), 'Cristo Nosso Senhor' (EE 91, 95, 135...) "o Criador e Senhor" (EE 15, 16...)⁹.

Franciscano e popular é o colóquio dos pecados diante de Cristo crucificado (EE 53), cheio de realismo e dramaticidade imaginativa. Popular é também a contemplação da aparição de Cristo ressuscitado a Nossa Senhora (EE 218, 219), defendida por Inácio apesar do silêncio dos evangelhos (EE 299). É popular, também, a aparição de Jesus ressuscitado a José de Arimatéia, "como piamente se medita e se lê na vida dos santos" (EE 310).

1.2 A *escatologia*, que exerce papel importante em toda a dinâmica dos EE, é também popular¹⁰. A visão do inferno, tão cheia de realismo, reproduz sem dúvida a pregação tradicional daquele tempo (EE 65-70). Também corresponde, à visão popular a situação de "cada um dos que, por um pecado mortal, foram para o inferno" (EE 52). O papel da morte e do juízo para decidir numa eleição importante na vida (EE 186-187; 340-341), também corresponde ao imaginário religioso popular, e seguramente tem presente a prática testamentária da época: na hora da morte se reconhecem erros e falhas, pede-se perdão à família, compõem-se as desavenças. A insistência no temor de Deus (EE 65), não só o temor filial, mas inclusive o servil (EE 370), também reflete um sentimento religioso profundamente arraigado no povo, bem distante das discussões eruditas sobre "o puro amor de Deus"...

1.3. A *antropologia* teológica dos EE é também popular, com influências claramente platônicas, que sempre foram mais populares do que as disquisições aristotélicas sobre matéria e forma¹¹:

"Considerar minha alma encarcerada neste corpo corruptível e todo o composto humano neste vale, como que desterrado entre animais irracionais" (EE 47).

Também é popular e elementar a moral teológica, fortemente ancorada na antropologia: o exame (EE 32-42), o modo de orar sobre os mandamentos (EE 238-243), os pecados mortais (EE 247-248). Correspondem à religiosidade elementar do povo e à catequese medieval. Ne-

⁹ M. GIULIANI, "Dieu Notre Createur et Rédempteur, *Christus* 6 (1959) 329-344. Cf. também "Claves para una hermeneútica de los Ejercicios", o. c., 62-64.

¹⁰ J. B. LIBÂNIO — M. C. L. BINGEMER, *Escatologia cristã*, Petrópolis, 1985.

¹¹ J. COMBLIN, *O tempo da ação*, Petrópolis 1982; *Antropologia cristã*, Petrópolis, 1985.

nhuma sutileza sobre os dons do Espírito nem sobre as bem-aventuranças. Estes exames e modos de orar, recomendados para os rudes e de pouca capacidade (EE 18), não se limitam a eles, mas devem ser ensinados a todos os exercitantes.

1.4. Finalmente, a *angelologia* dos EE é sumamente popular¹². Os EE estão perpassados pela luta entre anjos e demônios, entre bons e maus espíritos que disputam entre si o campo do exercitante (EE 32 e sobretudo as regras para discernir espíritos: EE 313-327 e 328-336).

Desde o pecado dos anjos (EE 50), a humanidade se vê submetida a uma luta que na meditação das duas bandeiras encontrará sua expressão simbólica privilegiada como Babilônia e Jerusalém (EE 136-148). O "inimigo" submete-nos continuamente a suas astúcias, tenta-nos lançar nos redes e grilhões, transfigura-se "sub angelo lucis" (EE 10, 12, 32, 314, 315, 318, 320, 325, 326, 327, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 345, 349, 350). Frente a ele, Deus e seus anjos nos atraem continuamente e movem suavemente a alma até o bem (EE 314, 315, 136, 329, 331, 333, 335, 336), sustentam-nos, guardam-nos e rogam por nós (EE 60).

Esta visão dramática dos anjos e demônios, que a iconografia do romântico e do gótico plasmou maravilhosamente, é eminentemente popular, distante não já dos problemas modernos da psicologia profunda e da exegese crítica, mas inclusive das elucubrações escolásticas da época, de que só se encontram alguns vestígios nos EE, seguramente fruto dos estudos posteriores de Inácio em Paris (por exemplo: EE 330, 331).

Estes elementos doutrinários, aos quais se poderiam acrescentar outros de menor importância (o campo damasceno no qual foi criado Adão (EE 51); o exemplo de Joaquim e Ana ao repartir seus bens (EE 344)...), refletem todo o mundo de RP que viveu Inácio e que constitui o marco teológico no qual se desenvolvem os EE. O fato de as intuições espirituais e místicas de Inácio desbordarem este marco e terem uma validade que vai além de sua conceptualização teológica, não nos deve fazer esquecer esse substrato básico de RP que impregna toda sua exposição doutrinária.

Esclarecer e fundamentar historicamente cada uma destas afirmações extravasa os limites destas páginas, que se limitam a constatar o fato e descobrir as implicações teológicas e pastorais do mesmo.

¹² J. MARTÍN VELASCO – J. R. BUSTO – X. PIKAZA, *Ángeles y demonios*, Madrid 1984.

2. Elementos metodológicos

Chamamos elementos metodológicos as formas de expor a doutrina e os temas espirituais, o modo e a ordem (EE 2). Estas formas expressam, muitas vezes, mais do que os mesmos conteúdos doutrinários, seu caráter popular.

A RP se caracteriza, entre outras coisas, por uma série de notas formais, entre as quais destacamos as seguintes¹³:

- 1) É uma religiosidade muito ligada aos sentidos, ao imaginativo e a todo o mundo somático e cósmico.
- 2) Seu estilo é acentuadamente simbólico, procede por exemplos, comparações e tipologias.
- 3) Suas expressões devocionais se caracterizam pela exuberância dos sentimentos que explodem em manifestações de júbilo ou de dor, e se nutre de devoções afetivas.
- 4) Gosta do iterativo, do ritmo litânico e repetitivo.

Vejamos como estes elementos metodológicos são incorporados nos EE inicianos.

2.1. Religiosidade sensorial e cósmica: São tantos os elementos sensoriais e cósmicos nos EE, que a simples enumeração de seus diferentes tipos nos mostra sua importância:

- a importância que se dá à oração vocal (EE 1, 2...).
- a especificação das diversas posturas corporais: de joelhos, de pé, passeando, deitado de costas com o rosto para cima, a reverência devida (EE 2, 75, 76, 252...)
- a menção explícita da penitência externa (EE 82-85)
- a atenção aos "tempos bons ou adversos": obscuridade, claridade, frio, calor... (EE 130...).
- a composição vendo o lugar, que varia segundo o tipo de contemplação visível ou invisível (EE 47) e que Inácio vai especificando em cada caso (EE 103, 112, 138, 140, 143, 151, 192, 202, 220, 232, cf. 53).
- a aplicação dos sentidos (EE 65-70, 121-125)
- a estruturação tripartida da contemplação: ver as pessoas, escutar as palavras que dizem, olhar o que fazem (EE 106-108; 114-116, 194)
- a importância dada ao ordenar-se no comer (EE 210-217)

¹³ L. MALDONADO, *Religiosidad popular. Nostalgia de lo mágico*, Madrid 1975; V. CODINA, "Por uma teologia mais simbólica e popular", *Persp. Teol.* 18 (1986) 149-173.

Todos estes elementos sensoriais e cósmicos são introduzidos no texto, de forma que não há página dos EE que não esteja impregnada desta religiosidade que busca ver, sentir, saborear, tocar. A mesma experiência espiritual dos EE é formulada em termos sensoriais: "o sentir e saborear as coisas internamente" (EE 2).

2.2. *Estilo simbólico e tipológico*: Torna-se surpreendente numa leitura atenta dos EE a grande quantidade de comparações e exemplos que se propõem, tanto ao que dá os Exercícios como ao exercitante. Enumeremos alguns:

- tanto o que dá os EE como o que os recebe devem estar indiferentes como o fiel da balança, "como um peso" (EE 15, 179).
- o colóquio se deve fazer falando como um amigo fala a outro, ou como um servo a seu senhor (EE 53)
- *na meditação dos pecados próprios se fala de diminuir-se por exemplos, comparando-se com todos os homens, com os anjos e santos, com Deus, olhando-se como chaga e abcesso (EE 58), comparando os atributos de Deus com os próprios (EE 59)*
- na segunda adição da Primeira Semana, o exercitante deve colocar-se exemplos como o cavaleiro envergonhado diante do rei ou como os encarcerados diante do juiz (EE 74)
- o chamado do Rei temporal é um exemplo que ajuda a contemplar o Rei eterno (EE 91-97)
- Cristo nos dá exemplo tanto para o estado de observância dos mandamentos como para o de perfeição evangélica (EE 135)
- o Ressuscitado consola, como uns amigos consolam a outros (EE 224)
- todos os bens descem do alto assim como do sol descem os raios, da fonte as águas (EE 237)
- o inimigo atua como mulher (EE 325), como sedutor (EE 326), como caudilho (EE 327)
- nos que progridem de bem para melhor, o bom anjo toca a alma suavemente como a gota d'água penetra em uma esponja, enquanto o anjo mau a toca com ruído, como a gota d'água que cai sobre a pedra (EE 335).
- o escrupuloso crê ser pecado o que não é, como acontece quando alguém pisa acidentalmente uma cruz de palha e crê que pecou (EE 346)

Acrescentemos a esta enumeração de exemplos a preocupação inaciana por tipificar situações e problemas. O caso mais clássico constituem a meditação das duas bandeiras (EE 136), a dos três binários (EE 150) e as três maneiras de humildade (EE 164). As alusões aos santos e a suas vidas, como tipos de vida cristã exemplar (EE 100), confirmam a

tendência de Inácio, a exemplificar.

Mas há outros exemplos deste desejo de Inácio por concretizar temas:

- o exame particular e cotidiano com suas adições: colocar a mão no peito por ocasião de cada queda, arrependendo-se de ter caído, anotar as faltas cometidas em linhas previamente riscadas (EE 24-31)
- o exame de consciência centrado em pensamentos, palavras e obras (EE 33-42)
- o olhar a casa onde o exercitante viveu, a conversação que teve com outros, o ofício aprendido, para recordar os pecados pessoais (EE 56)
- o primeiro modo de orar sobre mandamentos, sete pecados capitais, três potências de alma, cinco sentidos corporais (EE 238-247).

Este desejo de concretização e plasticidade chega a extremos notáveis, como na meditação da encarnação, onde se nos apresenta um tríptico que parece um autêntico retábulo gótico: as três pessoas divinas que olham a superfície da terra, os homens que descem ao inferno, e o anjo Gabriel que é enviado a Nossa Senhora (EE 102).

2.3. Exuberância afetiva: Nos EE existe um notável clima afetivo que contrasta com as acusações de racionalismo e intelectualismo que se lançaram contra o método inaciano:

- lágrimas de dor pelos pecados, de compaixão pelo Cristo doloroso ou de gozo e exultação pascal (EE 55, 87, 195, 221, 316)
- “exclamação de espanto com afeto intensificado” ante o fato assombroso de que Deus e suas criaturas me tenham deixado com vida depois do pecado (EE 60)
- recomendam-se orações tradicionais (Pater, Ave, Credo), mas também orações populares cheias de devoção e afeto, como “Alma de Cristo” (EE 147, 63, 253, 258) e Salve Rainha (EE 253, 258)
- o mesmo uso de penitências externas (EE 82-87) supõe um clima de entusiasmo religioso e de afeto pouco comum na vida ordinária.

Quem não recorda, ao ler os textos inacianos, o fervor medieval das procissões de penitentes e flagelantes, ou as peregrinações e romarias a santuários de santos ou de Nossa Senhora, a devoção às devotas imagens da Piedade ou o canto solene das seqüências litúrgicas?

2.4. Repetição e ritmo: Dentro da metodologia popular chama atenção a importância que Inácio dá às repetições (EE 62, 99, 118, 120, 132, 148...) e resumos (EE 64) para interiorizar mais os sentimentos e aprofundá-los.

O método de oração por respirações ou por compasso (EE 258) inicia a rezar ao ritmo da respiração. É conhecido na espiritualidade tradicional o impacto popular dessas repetições compassadas, que estão à base não só da oração hesicasta, mas da oração mais popular de jacula-

tórias e ladainhas¹⁴. A mesma oração Alma de Cristo a que Inácio era tão afeiçoado, é no fundo uma ladainha cristocêntrica.

Resumindo tudo, podemos concluir que o modo de expor os diferentes temas dos EE assume elementos típicos da RP, não só da época de Inácio, mas de todos os tempos. Uma comparação com outros tratados de oração da época confirmaria que o estilo dos EE é muito mais popular, simples e sensorial que, por exemplo, o da mística flamenga e renana, muito mais especulativo e metafísico.

3. Elementos ambientais

Ao longo dos EE vão aparecendo, como de passagem, alusões a práticas religiosas populares:

- alusão à tendência a fazer votos e promessas (EE 14, cf. 15)
- referência a bulas de cruzadas e indulgências (EE 42)
- citações de orações populares, sobretudo, como já vimos, Alma de Cristo e Salve Rainha
- menção da penitência externa “usando cilícios, cordas ou barras de ferro sobre as carnes, flagelando-se ou ferindo-se (EE 85)
- recomendação de livros como a *Imitação de Cristo* e as vidas de santos (EE 100)
- referência às sete palavras de Cristo na cruz (EE 297) que sem dúvida alude aos sermões do tempo da paixão.

Mas sem dúvida alguma, as “Regras para sentir com a Igreja” (EE 352-370) constituem o documento mais rico em alusões à RP. Evidentemente a perspectiva é antierasmiana e antiprotestante, como indicamos no começo, mas reflete uma grande simpatia para com expressões da RP que foram praticadas em parte pelo mesmo Inácio. Não nos deteremos nos elementos que poderíamos chamar oficiais de piedade (sacramentos, horas canônicas, estado religioso), mas nos mais populares:

- cantos e longas orações (EE 355)
- relíquias de santos, estações, peregrinações, indulgências, jubileus, cruzadas, acender velas (EE 358)
- jejuns, penitências internas e externas, abstinências (EE 359)
- ornamentos, edifícios, imagens (EE 360)

¹⁴ Recordamos a importância das jaculatórias no monacato primitivo e a tradição oriental da oração de Jesus recolhida no *Relato do peregrino russo*. Vejam-se os estudo clássico de I. HAUSHERR, *Noms du Christ et voies d'oraison*, Roma 1960, e *Hésychasme et prière*, Roma 1966, especialmente pp. 134-153.

— comparações entre santos, que sem dúvida nasciam do fervor de seus devotos, mas degeneravam em disputas (EE 364)

Finalmente, como logo veremos, se fala explicitamente da “gente simples” (EE 362), do “povo simples” (EE 367), do “povo” (EE 368).

Há, pois, uma constante referência à RP do tempo, verdadeiro marco teológico e espiritual em que se enquadram os EE. A paisagem religiosa e espiritual que está no fundo dos EE é a da RP. Isto parece inegável, quaisquer que sejam suas causas e intenções ou as interpretações que possamos dar ao fato.

III. ATITUDE DE INÁCIO FACE À RELIGIOSIDADE POPULAR

Como atua Inácio face a esta RP ambiental? Assume sem acréscimos? Corrige? Defende?

Poderíamos afirmar que a atitude de Inácio é muito matizada e, como todas as suas atitudes, bem ponderada. Inácio assume a RP, inclusive a louva (“louvar o costume de acender velas”), mas ao mesmo tempo a purifica, aprofunda, orienta, e de algum modo a transforma. Não cai no sentimentalismo, nem cede à verborréia, senão que mantém sempre grande sobriedade (EE 2).

A piedade medieval para com a humanidade de Jesus é assumida, mas com uma orientação que transcende a “devotio moderna” e se encaminha ao seguimento. A meditação do Reino tipifica este modo de proceder.

As meditações da vida de Cristo se enriquecem com as apresentações bíblicas dos “mistérios da vida de Cristo Nosso Senhor” (EE 261-312), onde abundam as citações textuais do Evangelho.

A oração vocal e os próprios exames de consciência conduzem a uma verdadeira interiorização, purificação e integração espiritual. A imaginação e os sentidos em meditações como a aplicação de sentidos, conduzem a um aprofundamento inclusive místico dos sentidos espirituais, até chegar a cheirar e saborear “a infinita suavidade e doçura da divindade” (EE 124). Os elementos populares da psicologia e antropologia religiosas e da angelologia tradicional se articulam para iniciar um verdadeiro discernimento de espíritos e uma eleição realmente evangélica. Também os dados da escatologia popular são assumidos em vista de uma conversão autêntica e de uma iniciação ao discernimento espiritual.

As dimensões somáticas e cósmicas, todas as mediações criaturas são finalmente reguladas em adições e anotações a serviço da oração e da eleição. Um caso típico é o da penitência externa aflitiva. Esta prática de origem claramente medieval (a penitência da Igreja primitiva e dos

primórdios do monaquismo é antes de abstenção), conduzia a entusiasmos ambíguos, a fervores quase masoquistas e em todo caso necessitados de discernimento. Inácio, em sua célebre adição 10, aprofunda esta prática, insistindo em suas motivações espirituais, moderando seus excessos, interiorizando seus efeitos (EE 82-87).

Todo o rico mundo da sensibilidade, dos afetos, moções e sentimentos, é assumido, orientado, interiorizado, purificado. Inácio sabe que o homem se move pelo coração e pelo sentimento. O que faz é ordená-lo, não destruí-lo.

As meditações e contemplações buscam um compromisso (p. ex. EE 53), refletir para tirar proveito (p. ex. EE 107, 108...). Toda a forma e estrutura (EE 1, 4, 12, 72, 73, 90...) que poderia parecer quase um ritual rígido, se acomoda e adapta a cada pessoa e caso (EE 2, 4, 8, 9, 10, 17...).

Por tudo isso as "Regras para sentir com a Igreja" são muito mais do que uma defesa conjuntural da RP no momento em que o protestantismo nascente a ataca. São uma defesa intrínseca dos valores da RP, com a convicção de que nela se contém o "sensus fidelium", o sentido da fé do Povo de Deus. Também o preocupa não escandalizar nem confundir a fé singela do "povo simples". Isso corresponde a uma convicção evangélica: a eles foram revelados os mistérios do Reino (Mt 11,25) e ai de quem os escandaliza! (Mt 19, 1-6). No fundo há um profundo sentimento de fé: Cristo e a Igreja, sua esposa, estão unidos pelo mesmo Espírito (EE 365).

Em Inácio há sensibilidade para o popular não só porque corresponde a sua própria religiosidade de cristão popular, mas talvez por uma profunda intuição de que o mundo popular manteve, mais que outros setores, um sentido antropológico integral, uma fé encarnada nas mediações criaturais e um profundo sentido de Deus. O mundo que se estrutura a partir do séc. XVI e a que pertence por origem o protestantismo, é muito mais racionalista e individualista e muito menos sensível às mediações (e a alguns mediadores...). Daqui brota certa dificuldade do mundo moderno e secular para entrar dentro da cosmovisão dos EE de Inácio.

Podemos acabar esta reflexão com um texto de Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* sobre a piedade popular:

"Traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até o heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante

etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida quotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção etc. Em virtude destes aspectos, nós chamamos-lhe de bom grado "piedade popular", no sentido de religião do povo, em vez de religiosidade" (EN 48).

IV. CONCLUSÕES E QUESTÕES

Depois deste rápido percurso por todo o texto dos EE para descobrir os diversos elementos de RP nele presentes, que conclusões podemos tirar?

Parece evidente que a RP invade continuamente o itinerário dos EE, tanto em seus aspectos doutrinários como metodológicos e ambientais. Inácio o fez conscientemente ou antes refletiu seu próprio mundo religioso? Inclinamo-nos à segunda hipótese. Inácio era um homem medieval, que vivia intensamente a religião do povo, como consta através de sua *Autobiografia* e dos modernos estudos históricos inacianos (Leturia, Wolter, H. Rahner, Dalmases, Villoslada, Dumeige, Tellechea...). Os textos menos populares dos EE são os que correspondem a épocas posteriores e refletem preocupações diferentes e um estilo mais acadêmico e conceitual: princípio e fundamento, regras para a eleição, contemplação para alcançar amor, regras para sentir com a Igreja.

Mas como intentamos demonstrar, este pano de fundo popular é orientado habilmente por Inácio para seus fins específicos: tirar as afeições desordenadas, buscar a vontade de Deus, escolher o que mais conduz ao seguimento do Rei eterno. Para isto realiza um trabalho de aprofundamento, interiorização, purificação e integração, que pode servir de modelo para todos quantos desejam assumir, evangelizar e purificar a RP em nossos dias.

Acrescentemos a isto a preocupação de Inácio em respeitar o "povo simples", não escandalizá-lo, não confundí-lo.

A conclusão de tudo é que os EE não constituem um protótipo de espiritualidade culta, acadêmica e erudita, mas antes um modelo de espiritualidade fortemente ancorada no popular. Este é o material básico sobre o qual Inácio estruturará sua própria metodologia espiritual.

Daqui surgem algumas questões teóricas e práticas. Não houve, no decorrer dos séculos, um deslizamento lento mas certo deste pano de fundo popular dos EE para uma orientação mais aristocrática e elitista dos EE, tanto em sua concepção como em sua prática pastoral? Não terá sido esta mudança paralela ao que sucedeu ao ir-se propiciando com o tempo uma concepção cada vez menos afetiva e mística dos EE e cada vez mais voluntarista e racionalista? Não terá sido afogada esta vivência

mais simples e popular dos EE por uma exegese do texto a partir de categorias mais modernas, técnicas e críticas?

Estas questões têm conseqüências práticas. Não teremos abandonado com demasiada facilidade os EE para os setores populares, por achá-los incapazes de fazê-los, limitando-nos a setores mais cultos e elevados, espiritual, teológica e, com freqüência, economicamente? Muitas "adaptações" dos EE a setores populares não esquecem que, em sua origem, o popular já está presente nos EE? Não se deveria, talvez, partir hoje da RP dos setores populares, para a partir desta base, iniciar o itinerário espiritual iniciano?

Evidentemente o mesmo Inácio supõe, como vimos no começo, que um mínimo de capacidade humana e de formação cristã é requerida para entrar nos EE (EE 18), mas não há uma maior sintonia com os EE em muitos setores populares que em setores do mundo mais "moderno" culto e acomodado, mas que perdeu muitas dimensões humanas e evangélicas, ainda presentes em setores populares? Não será a falta de cultura mas a falta de "sujeito" o que limita o uso dos EE.

A RP, em última instância, forma parte do "sensus fidelium" do Povo de Deus (LG 12) e possui um inegável "potencial evangelizador" (Puebla 1147). Tê-lo presente e aproveitá-lo, faz parte da sabedoria evangélica. E as experiências já existentes de uma prática dos EE em setores populares na América Latina indica que o caminho já está aberto.

Concluamos com uma reflexão conjuntural. Notou-se que existe uma conaturalidade entre os grandes temas de inspiração da teologia da Libertação e os dos EE: partir da realidade e em concreto da realidade do pecado, a exigência de conversão, o tema do Reino, o seguimento, a necessidade de optar, a contemplação na ação, a importância do Jesus histórico, a acentuação da pobreza, etc... Agora podemos acrescentar a estes temas um outro: a preocupação pela religião do povo pobre e simples.

Tradução: João Inácio Wenzel S.J.

Víctor Codina S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Durante 18 anos foi catedrático de Teologia Espiritual e Dogmática na Faculdade de Teologia de Barcelona (Espanha). Desde 1982 reside na Bolívia e atualmente trabalha a serviço de organizações populares no departamento teológico do Centro de Investigação e Serviço Popular (CISEP), em Oruro. Entre suas obras, destaquem-se: *Teología y experiencia espiritual*, Santander 1977; *Renacer para a solidariedade* (tr. br.), São Paulo 1984; *De la modernidad a la solidaridad*, Lima 1985.

Endereço: Casilla 603 — Oruro — Bolívia